

direção do tratamento

O tempo do sujeito-criança do inconsciente

Susy Roizin

Proponho “brincar” com o título, brincar de modificar a pontuação para que as mesmas palavras suscitem distintas ressonâncias significantes.

1) O tempo do sujeito... criança do inconsciente.

O inconsciente, estruturado simbolicamente, engendra o sujeito como uma criança-produto da linguagem, uma criança muito peculiar que (por ser sujeito) não tem idade.

2) O tempo do sujeito-criança... do inconsciente.

Trata-se da subjetividade de uma pessoa mais nova que vive o primeiro período de sua vida e, por isso, depende dos cuidados e do amor de seu entorno; e está exposta, como uma esponja permeável, aos significantes do discurso familiar.

O tema que trabalharei é o tempo do sujeito e suas particularidades na análise com crianças.

Qual é o tempo do sujeito do inconsciente?

Em 1951¹, era o passado, um passado presentificado. O sujeito em análise expressava-se na transferência, definida como a repetição, atualizada nas sessões, dos modos permanentes de constituição de seus objetos. De acordo com Lacan, em “*Intervenção sobre a transferência*”, o fenômeno transferencial fazia com que o analista vestisse as máscaras dos objetos libidinais que povoavam a história do analisante. Era preciso decifrar o inconsciente como uma escrita de conteúdos reprimidos, como verdades que podiam ser todas-ditas, e assim livrar o neurótico de seus sintomas. Tratava-se de um des-cobrimento do sujeito, considerado como uma estrutura simbólica, coexistente e coberta, ocultada pelo discurso consciente e imaginário.

Em 1960², o tempo do sujeito do inconsciente é um tempo gramatical, o futuro anterior, definido como um momento futuro no qual será situado um acontecimento inscrito na estrutura como tendo sido produzido num tempo anterior àquele. Na verdade, o ponto de encontro entre o vivente e o significante é condição prévia ao advento de um sujeito, o qual se situa apenas aparentemente como tendo estado ali desde antes da irrupção do simbólico no real. É um fenômeno ilusório, um movimento de subjetivação *après coup*. Por isso, em “*Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*”, Lacan desenvolveu a sequência de seus grafos em passos

¹ Lacan, *Intervenção sobre a transferência* (1951/1998).

² Lacan, *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960/1998).

3 Lacan, *O Seminário*,
livro II: Os quatro conceitos
fundamentais da psicanálise
(1964/1998).

sucessivos, culminando na substituição da pequena letra Delta, a partir da qual começa um movimento ascendente, pelo S barrado, colocado no grafo definitivo, como se houvesse sido possível situar, no ponto de origem do circuito, um sujeito preexistente. Nesse escrito, Lacan menciona o “terá sido”, no futuro anterior, para conceituar o sujeito e seu desejo. Na clínica, uma alquimia semelhante é produzida quando, na transferência, atribui-se um saber prévio ao analista.

Em 1964³, Lacan separa-se da IPA, e a Transferência separa-se da Repetição. A transferência, a partir de então, passa a ser a colocação em ato da realidade sexual do inconsciente. Lacan fala do estatuto ético do inconsciente. Se o inconsciente não tem estatuto ôntico, seu tempo também não o tem. Trata-se de um tempo que não é. Um presente infinitamente pequeno, que não tem duração, evanescente como o “agora” aristotélico, um instante que escapa, situado diacronicamente entre o passado que já foi e o futuro que ainda não. O sujeito do inconsciente não tem a textura de uma experiência psicológica que transcorre durante um lapso de tempo. O tempo concernente ao sujeito na psicanálise é, nesse momento, o efêmero de uma pulsação, pois surge um real em jogo, mais além da vertente simbólica do inconsciente. Nessa pulsação situamos o sujeito do inconsciente, no hiato no qual se opera a disjunção, a função lógica chamada Vel, a balança entre o *fading* e o sentido, o encontro impossível entre a sincronia de um lugar e a diacronia de um momento. Pulsação que é uma imagem metafórica quando se trata de descrever teoricamente a origem do sujeito. Pulsação que é observável, em seu advento intermitente e descontínuo, na realidade da experiência analítica. No encontro entre o real e o simbólico sobra uma marca de gozo, impossível de ser apreendida pelo significante.

Se qualificarmos o tempo como fugaz, faz-se necessário considerar também outro tempo, um tempo que permanece e cuja duração é, de fato, o tempo da repetição das voltas significantes, que nunca alcançam esse real, mas que podem emoldurá-lo em uma construção fantasmática.

O sintoma é um tipo de correção, um conector, que evidencia o fracasso da repressão ante a exigência pulsional constante. A re-

petição é então a insistência daquilo que não se acaba de se anodar.

Desde os “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*”⁴, o gozo perdido, a sexualidade traumática, são acontecimentos inerentes tanto ao perverso polimorfo quanto às pessoas mais velhas. Ambos devem resolver de algum modo um fenômeno que é estruturalmente inevitável para o ser falante. Por isso, sustenta-se que a criança tem sintomas. Ela pode também ser um sintoma. A criança é falada por seus pais e impregnada por uma proposta significativa, ativa e atual, vinda do Outro encarnado por eles. O sujeito-criança será o efeito e ao mesmo tempo a reação diante dessa proposta.

Além de lhe oferecer um saber articulado, os pais expõem a criança às demandas de seu discurso e ao enigma de seus desejos, que não se articula nas palavras. Esse enigma é interpretado como a revelação de uma falta que a criança se sente tentada a suturar, ocupando ela mesma lugar de objeto tampão, metonímia do desejo materno de um falo⁵. Para que uma função separadora opere é necessário que a versão de um pai faça da mãe uma mulher. A mãe deverá estar disposta a perder aquilo que a preenchia, a fim de passar da posição de mãe à de mulher. A mulher, como não-toda, consente com a castração. Do lado da criança, opera o que Lacan chama de “sua insondável decisão”: ela poderá desgarrar-se do lugar que pensava ocupar e renunciar a esse gozo para obter, em troca, a dimensão subjetiva. Se isso não ocorrer, a criança ficará estancada no lugar de falo. Nas “*Duas notas sobre a criança*”⁶, Lacan descreve outras duas modalidades sintomáticas. Em uma delas, a criança está presa na posição de objeto do fantasma materno e, na outra, representa simbolicamente o que não funciona no casal parental. Essa última posição é mais sensível às intervenções do analista porque se trata de representações simbólicas, e não de um objeto condensador de gozo que, como tal, é mais resistente à análise⁷. O chamado desejo do analista orienta a cura em direção ao *objeto a*, à separação, à resolução do Vel alienante, oferecendo a possibilidade de criar uma resposta própria, a partir da singularidade de um sujeito-criança-desejante. A posição de um analista de crianças desdobra-se em duas: por um lado, é o parceiro no jogo em que a criança representa sua novela, desdobrando o autômato significante e produzindo uma história, um saber que se situará no tempo mítico do “era uma vez”,

⁴Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996).

⁵ Lacan, *O Seminário*, livro 4: A relação de objeto (1956-57/1995).

⁶ Lacan, *Duas notas sobre a criança* (1969/2003).

⁷ Laurent, *Hay un fin de análisis para los niños* (1999).

⁸ Lacan, *O Seminário*, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-70/1992).

como se fosse o relato de um conto que adquire a dimensão de uma lenda escrita em algum lugar. É a ilusão de um saber suposto, que também funciona como suporte da transferência quando se atribui esse saber ao analista. Por outro lado, o analista é o pequeno a, agente do discurso analítico⁸, e busca isolar o significante como letra que não se extravia no sentido. O analista espera o tropeço, a tiquê, o novo: aquilo que deixa descoberto o real e a força pujante da “substância gozante”.

Como resposta ante os fenômenos transferenciais, o analista põe em jogo e encarna a falta no Outro, tornando possível, durante a análise, a construção de um sintoma analítico: um sintoma e também um modo de gozo próprios, movidos por um desejo advertido, pelos quais a criança poderá ser subjetivamente responsável.

Isso, entretanto, requer um tempo, o tempo de duração de uma análise que chegue a seu fim. Fim como meta, assim como final.

Na particularidade da análise com crianças, não são elas as únicas que tomam as decisões. Os pais geralmente buscam uma consulta porque algo não vai bem com seu filho, tentam encontrar uma solução que recoloque a criança na linha de educação que lhe dão. Contudo, a oferta de uma análise é algo bem distinto, que pode resultar inquietante para os pais. Existe para a criança o risco de ser retirada da análise, como pelo fio de um carretel⁹, nas mãos do adulto. Os pais são aqueles que pagam e têm o poder de permitir ou não que uma análise conte com todo o tempo que faz falta para que possa chegar a seu fim. O tempo que faz falta é também o tempo que faz a falta, que destampa uma falta. Em alguns casos será necessário abrir o discurso dos pais e oferecer um espaço para um trabalho diretamente com eles. Os pais que deem seu aval facilitarão que a criança obtenha a coragem necessária e atreva-se a abandonar, mesmo que seja no resplendor de um momento fugaz, a cadeia (simbólica) que a sustenta.

Em “*Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*”, Lacan diz que “a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito, até que se consumem suas últimas imagens”¹⁰, suspensão de certezas que se produz na temporalidade de um instante.

Tomarei apenas uma cena da análise com uma criança, na qual ela brinca de desaparecer: não está onde se espera e, parafrasean-

⁹ Freud, *Mais além do princípio do prazer* (1920/1996).

¹⁰ Lacan, *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953/ 1998, p. 253).

do Lacan, diria que a criança testa se “podem perdê-la”¹¹. É uma variação subjetiva do jogo de esconde-esconde, escolhido como paradigma da separação, no qual a criança “se anima”, adquire alma, atreve-se, num ato espontâneo e imprevisto, a sair do lugar em que se esperaria que estivesse. A cena escolhida é um momento privilegiado em sua análise, no qual ela parece haver se livrado do automatismo significante e pode, por um instante, brincar com a surpresa¹².

Ramy, um menino de oito anos, chega à sessão. No momento em que a analista abre a porta para recebê-lo, ele não está ali. Algo não ocorre de acordo com o programado. A analista pergunta: Onde está Ramy? Ramy permanece oculto, em silêncio. Sua mãe, em imediata cumplicidade ao filho, responde: “Ramy não está”. Surge um espaço lúdico no qual a mãe e a analista falam dele, fingindo acreditar que ele não está.

O menino aparece subitamente, dando um salto a partir de outro lugar, surpreendendo como um *witz*¹³ e, ao mesmo tempo, surpreso com sua própria espontaneidade. Ramy grita um som de um par de letras carente de significado, um “UA” que remete somente à forma de nomear sua repentina presença. Sorri e parece desfrutar do fato de não haver estado, por um instante, na cena, como se houvera-se furtado de um encontro e ficara espiando desde seu esconderijo, observando o lugar a partir do qual os outros “o falam”.

Estávamos quase no final de uma análise que durou aproximadamente dois anos, período no qual Ramy costumava repetir insistentemente, em diversas sessões, uma brincadeira com pequenos bonecos e soldadinhos, um barco, um campo de batalha, uma cidade imaginária. Em sua brincadeira, parecia representar o modo de enfrentar algum perigo, alguma ameaça exterior insuportável para ele. De forma pouco variada e com uma modalidade repetitiva, concentrado quase que unicamente nos brinquedos, costumava criar brincadeiras nas quais um monstro atacava um barco até afundá-lo, um robô gigante dasafiava uma cidade e a destruía, ou um exército exageradamente numeroso e bem armado ameaçava alguns poucos soldados que dormiam indefesos no momento em que eram atacados. Era recorrente também o sofrimento de uma

¹¹ Lacan, *Posição do inconsciente* (1964/1998).

¹² Lacan, *O Seminário*, livro 5: *As formações do inconsciente* (1957-58/1999).

¹³ Freud, *O chiste e suas relações com o inconsciente* (1905/1996).

vítima desprovida de recursos para se proteger. Por outro lado, sua conduta na vida, as circunstâncias que desencadeavam suas irritações e choros, apareciam como expressão de uma grande impotência ante a situações que Rami sentia ser incapaz de resolver. Às vezes, contava, como quem denuncia ou delata algo, desagradáveis vicissitudes familiares. Com o decorrer da análise, Rami foi se evidenciando como uma criança emaranhada na relação entre um pai violento e uma mãe intimidada, que tinha seu olhar colocado sobre o filho, a quem dedicava todas suas preocupações. Nas sessões com os pais, o pai tinha atitude que pretendia ser dominante e depreciativa em relação à mulher. Sua linguagem e forma de falar denotavam violência ameaçadora. Muito esporadicamente, a mãe notava tal característica do pai, mas a considerava um problema de maus modos e não parecia preocupar-se e tampouco perceber a desvalorização ou as reclamações manifestadas por ele. Na verdade, ela não dava atenção a seu marido, não o escutava muito e, por isso, não se sentia maltratada, nem ofendida e nem demandada. Não obstante, não conseguia deixar de pensar nos problemas de Rami e em suas relações sociais na escola, às vezes descrevendo-o como vítima de rejeição por parte dos colegas, outras, temendo que o filho machucasse outras crianças em algum de seus frequentes e incontroláveis acessos de raiva. Durante um tempo, Rami foi o destinatário, o alvo receptor de intensas preocupações disparadas por sua mãe e, ao mesmo tempo, vivia atravessado pela tensão que irradiava da relação entre seus pais. Suas brincadeiras aludiam a um mártir, passivo, disposto a sacrificar-se, mas também sugeriam algo acerca de sua posição subjetiva: Rami vivia aprisionado em um gozo que o asfixiava e o paralisava. Quando começou a falar um pouco mais na análise, manifestava-se o quanto ele gostava de delatar os equívocos de seu pai. Dizia que de tanto fumar ele iria parar no hospital. Além disso, comentava que o pai comia todas as coisas que engordam e fazem mal. Ao referir-se a seus temores noturnos, que o levavam a dormir com a mãe, Rami regozijava-se ao contar que o pai mudava-se de cama, indo dormir na do menino.

Durante a análise, a analista orientou Rami em direção a um maior contato com sua intimidade e com seus pensamentos antes de dormir, em seu quarto, convidando-o falar, desenhar ou escrever

em um caderno aquilo que lhe vinha à cabeça naqueles momentos tão temidos. Geralmente eram construções de ficção que se criavam como o conteúdo manifesto de um sonho. O trabalho paralelo com os pais possibilitou mudanças na posição deles. Para que o pai conseguisse cumprir uma função separadora, a mãe de Ramy, apenas mãe, deveria também consentir em ser sua mulher. Após um trabalho sobre seu modo de se vincular, suas dificuldades, expectativas e condições, os pais começaram a perceber-se como um casal e aprenderam a ajudá-lo a ficar sozinho, assegurando-lhe uma presença a distância e um cuidado mais bem regulado. Ramy deixou de correr para a cama da mãe às noites e seus medos desapareceram. À medida que Ramy se afastava da cena na qual se embaralhava nas vicissitudes do casal parental, funcionando como objeto de sua mãe, suas brincadeiras foram tornando-se menos dramáticas, menos compulsivas e mais variadas. Começaram a aparecer também personagens mais simétricos, e os protagonistas das brincadeiras e histórias conseguiam finalmente criar laços mais cooperativos, ao mesmo tempo em que as situações de guerra, de piratas, que não haviam desaparecido, apresentavam-se com uma margem maior de ação, liberdade e ousadia. Passou a ser possível também guerrear sem que a parte frágil do enfrentamento fantasiado ficasse de fato neutralizada, finalizando de imediato o movimento. De fato, Ramy estava começando realmente a brincar. Surgiram relatos de relações sociais na escola. Simultaneamente, o menino mostrava-se mais comunicativo e afetivo com a analista, que fazia suas intervenções a partir de uma posição de observador, rompendo algumas vezes com a miragem sedutora da brincadeira e da narrativa imaginada, a fim de recordar a Ramy que era ele quem relatava e inventava os conflitos que ali aconteciam. As interpretações dirigiam-se às vezes ao equívoco signifiante, o qual, ao final do processo analítico, provocava risos e suas próprias autointerpretações. Chamava a atenção o fato de Ramy responder assim porque, no começo da análise, em situações similares, uma mudança de ressonância signifiante, um equívoco assinalado, costumavam provocar nele uma reação severa e compulsiva que se manifestava também na relação transferencial: Ramy ficava bravo, fazia caras de fúria e irritação e, às vezes, corria para a sala de espera, onde estava sentada sua mãe. Ao final era no-

tável o contraste com aqueles primeiros tempos de sua análise, em termos de plasticidade e possibilidade inventiva. Ver que Ramy era capaz de escutar seus dizeres, desde outro lugar, foi o indicativo de uma mudança importante na posição subjetiva do menino.

Qual é o final de uma análise com criança? Qual é a criança do fim da análise?

Poderia chamá-la de “criança ousada-divertida”.

Ousada, porque ousa “não ser aquilo” que se espera dela e consegue, em alguns momentos, des-identificar-se das demandas do Outro.

Divertida, porque são diversas as possibilidades abertas pela contingência dos encontros, uma vez que a fixidez do gozo imposta pelo fantasma é abandonada. Divertida também por estar disposta à diversão e ao riso, ao chiste e ao sem-sentido.

Uma criança que chega ao final de sua análise construiu seu próprio fantasma e também, quando chegar o momento, poderá atravessá-lo.

Tradução: Maria Claudia Formigoni

Revisão: Paulo Marcos Rona

Referências bibliográficas

- FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VII).
- FREUD, S. (1905). *O chiste e suas relações com o inconsciente*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VIII).
- FREUD, S. (1920). *Mais além do princípio do prazer*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII).
- LACAN, J. (1951). Intervenção sobre a transferência. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

- LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. *O Seminário, Livro 4: A relação de objeto (1956-57)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- LACAN, J. *O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente (1957-58)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- LACAN, J. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1964). Posição do inconsciente. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2ª edição, 1998.
- LACAN, J. (1969). Duas notas sobre a criança In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise (1969-70)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LAURENT, E. *Hay un fin de análisis para los niños*. Buenos Aires: Colección Diva, 1999.

Resumo

A partir do tema proposto, o tempo na análise, e relacionando-o ao conceito de tempo do sujeito do inconsciente, o artigo retoma, primeiro, o conceito de tempo a partir de um ponto de vista histórico-cronológico para rastrear as diferentes concepções de sujeito do inconsciente que Lacan desenvolveu ao longo de seu ensino. Posteriormente, ressalta-se o tempo efêmero da pulsação para fazer referência ao real, que aparece na tiquê, no acidente, no witz e no inesperado. Todas situações nas quais consegue-se elidir o automatismo significante, sem deixar de considerar o enlaçamento com o simbólico e com o imaginário. Em seguida, o artigo trata das particularidades da análise do sujeito-criança. As mudanças na economia de gozo, experimentadas pela criança durante o processo podem provocar resistência nos pais.

Eles têm o poder de decidir quando interromper a análise, podendo impedir o transcurso de tempo que faz falta (jogando com o duplo sentido): faz falta tempo, no sentido de um tempo necessário, para que a análise chegue a seu final, e faz falta, no sentido de que uma análise que faz uma falta, constrói uma falta, conduz ao enfrentamento da falta estrutural. Tanto a criança quanto seus pais deverão suportar o vazio que resta quando a criança deixa de ocupar o lugar de objeto tampão. Às vezes é preciso trabalhar diretamente com os pais. A criança geralmente apresenta-se como sintoma da mãe ou como sintoma do casal parental. O final da análise possibilitará que ela seja a portadora e responsável de seu próprio desejo advertido, de seu sintoma e seu gozo. Conforme vai conseguindo realizar um movimento de separação, a criança constrói seu fantasma que, chegado o tempo, poderá também ser atravessada.

Palavras-chave

Sujeito-criança, separação, trabalho com os pais, nova economia de desejo, o sintoma e o gozo.

Abstract

Starting from the proposed theme, “Time in the analysis” and adding the concept of “The time of the subject of the unconscious”, the article takes first the concept of time in an historical point of view in order to follow the several definitions of subject of the unconscious that Lacan developed throughout his teaching. The article emphasizes the ephemeral time of the pulsation to refer especially to the Real, which appears in the tyche, the accident, the “witz”, the surprise. All of them circumstances in which the automaton of the signifiers chain is avoided without disregarding the knot created with the

symbolic and the imaginary. Afterwards the article deals with the particularities of the analysis with a subject-child. Changes in the economy of jouissance that take place during the analytic process may cause the parents to put up resistances. They have the power to decide when to interrupt the analysis as long as they can avoid time to go by and arrive to the end/goals (HACE FALTA). As an equivoque, in Spanish there are two agreed significations for the frase “HACE FALTA”, one relates to the idea of something that is necessary to happen and the other refers the idea of create a lack, in the sense that psychoanalysis comes to help the analyzand to face the structural lack. Both the child and his parents will have to deal with the void left by the child when he gives up the position of the “plug-object”. Generally the child appears as the symptom of his mother or the symptom of the couple of his parents. The end-goal of the analysis enables him to become the owner and responsible of his own adverted desire, his symptom and his own jouissance. As long as he moves forwards in the process of Separation, he constructs a fhanthasy (Phantasma), which at the proper time, could be crossed .

Keywords

Subject-child, separation, work with parents, new economy of desire, symptom and jouissance.

Recebido

08/05/2009

Aprovado

28/06/2009

